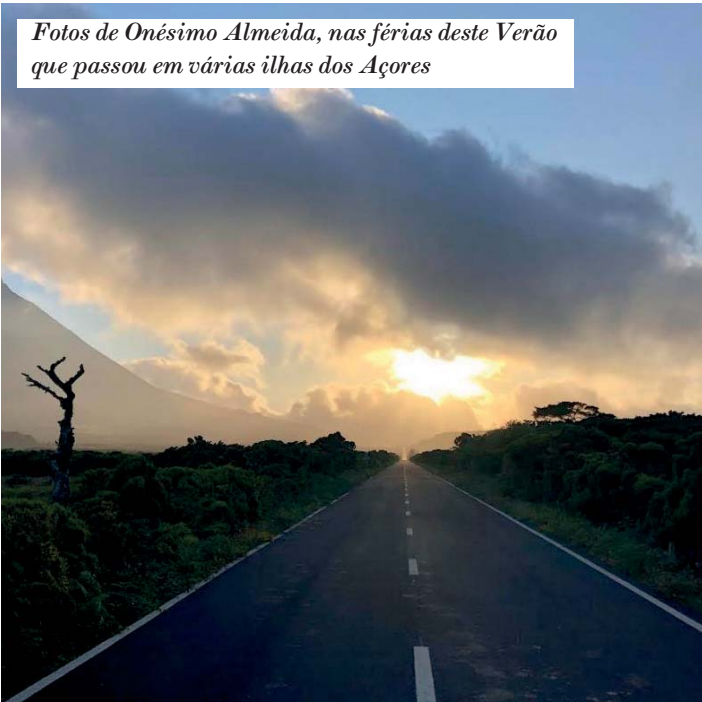


Fotos de Onésimo Almeida, nas férias deste Verão que passou em várias ilhas dos Açores



*“Uma maneira de atenuar a pressão exagerada que em S. Miguel se tem sentido nesse sector será insistir com as agências de viagens levando os turistas a espalharem-se pelas outras ilhas. Elas hoje têm condições para as receber, e não haja a menor dúvida de que têm muito para oferecer em termos de paisagem e atracções ligadas à natureza”*

**Os Açores, na fase dos Descobrimientos, inspiraram, de alguma forma, algum navegador na inovação ou invenção de algo?**

Começarei por notar que, sobre os Açores, há uma narrativa, que aliás está feita em excelentes estudos de historiadores, nossos e não só, sobre o importante papel que o arquipélago teve em todo o processo.

Todavia falta diluir essa narrativa apresentando-a ao grande público de maneira sugestiva num grande centro de interpretação que não seja apenas local, só da perspectiva de uma ilha.

Agora respondendo mais directamente à pergunta: o que nós temos nos Açores é um autor que se revela imbuído do novo espírito, ou da nova mentalidade empírica que ganhava terreno em Portugal.

Refiro-me a Gaspar Frutuoso, que se crê ter sido o primeiro vulcanólogo do mundo.

Victor Hugo Forjaz tem chamado a atenção para essa faceta dele.

Há, porém, mais em Frutuoso: tem o “atrevimento” de destruir por completo o mito da Atlântida inventado por Platão.

Não importa o facto de ele não ter percebido qual era a intenção de Platão ao criar esse mito.

O que importa, porém, é que esse mito era tido com um facto real.

Frutuoso revela uma mentalidade moderna ao usar argumentos empíricos, com base na sua experiência e conhecimento dos fenómenos vulcânicos que o rodeavam, e demonstra com clareza a clarividência que Platão estava a inventar.

Esse era o espírito que estava a ganhar terreno no mundo ocidental face à até então inquestionável autoridade dos autores clássicos.

Os navegadores portugueses são os primeiros a fazê-lo à medida que avançam pelo Atlântico Sul confrontando-se com realidades novas de que os gregos nunca tinham tido conhecimento.

**Esteve há poucos dias nos Açores, mais uma vez, a passar férias. Do que vai vendo sobretudo com a evolução do turismo, acha que estamos a ir no bom caminho ou há que acautelar mais a pegada ambiental?**

Em turismo sou apenas um turista.

Este ano estava com receio de ir à Vista do Rei e à Lagoa do Fogo por causa dos parques lá construídos e sobre que lera notícias.

Verifiquei, no entanto, que foram desenhados e construídos com sensibilidade e bom gosto.

O que me preocupa é o aumento do custo de vida porque a população local começa a ressentir-se dos turistas.

Eles chegam dispostos a pagar o que lhes pedirem, pois estão de férias e não sabem se voltam.

Ora, os locais têm que arcar com

esse incremento adicional nos preços, enquanto os seus salários ou pensões de reforma permanecem imutáveis.

Um outro elemento preocupante é a falta de preparação profissional.

Empregados e funcionários que muitas vezes até nem tratam mal as pessoas, mas não têm um mínimo de maneiras de modo a fazer com que os visitantes se sintam bem acolhidos.

Há que nos convenceremos de que saber acolher é fundamental para o turismo.

O turista mal impressionado não só não volta como hoje vaza a bilis nas redes sociais e espalha a má fama de um lugar.

Outro ponto: uma maneira de atenuar a pressão exagerada que em S. Miguel se tem sentido nesse sector será insistir com as agências de viagens levando os turistas a espalharem-se pelas outras ilhas.

Elas hoje têm condições para os receber, e não haja a menor dúvida de que têm muito para oferecer em termos de paisagem e atracções ligadas à natureza.

Um último ponto: há que resistir à construção de hotéis.

Desde 1980 que insisto no turismo

*“Há que resistir à construção de hotéis. Desde 1980 que insisto no turismo de habitação. Não estraga a paisagem e não deixa na maior parte do ano monstros à mosca, porque o nosso turismo é sazonal”*

de habitação. Não estraga a paisagem e não deixa na maior parte do ano monstros à mosca, porque o nosso turismo é sazonal, como acontece noutros lugares, mas é muito o nosso período é muito mais curto.

**Qual será o próximo livro?**

Bom, já saiu um depois desse.

Chama-se “Correntes D’Escritas e Correntes Descritas (Opera Omnia)” e contém as minhas intervenções nos vinte anos desse grande encontro literário, realizado na Póvoa de Varzim, o maior encontro do género em Portugal.

O livro apareceu em Fevereiro e já se esgotou. Sairá em Setembro uma segunda edição.

O que se segue vem na continuação das recolhas de ensaios que tenho vindo a fazer, dedicando cada volume a uma temática específica.

Agora será sobre os confrontos de Portugal com a modernidade após o período inovador dos Descobrimientos.

Na verdade, há um recuo que, ao fim de três séculos, nos deixou na cauda da Europa.

Essa é uma grande questão, quase misteriosa.

Tenho dedicado muito do meu trabalho a ela, no entanto gostaria de deixar claro que não estou a descobrir a pólvora.

O nosso Antero de Quental continua a ser a grande chave para nos ajudar a perceber o que se passou.

Os ensaios a reunir nesse próximo volume colocam a questão em termos mais abrangentes no contexto dos debates e confrontos Norte-Sul, tanto na Europa como nas Américas.

São questões que me ocupam há quatro décadas, pois, tal como aconteceu com as temáticas dos outros livros, fui sempre trabalhando em todas em simultâneo, quer dando aulas, quer escrevendo textos para colóquios e congressos por esse mundo.